

“Agora eu era o herói e meu cavalo só falava inglês”¹: a escuta da criança

Maria Ludmila Mourão

Tendo em vista o contexto apresentado no argumento deste Colóquio, onde a infância ocupa um lugar de destaque na sociedade, sendo a criança apreendida em sua “totalidade”, interessa saber como complicar o universal da infância. Para que “não-toda criança” possa falar, é preciso que haja brecha, pois “*falando ela desloca necessariamente seu ser*”, para assim se alienar/separar, se constituir. Complicar o universal para ir na contramão da simplificação na qual ela é tomada hoje, nas resoluções prêt-à-porter, onde as diferenças, apesar dos discursos modernos, são escamoteadas. Assim, o que prevalece é a criança, como uma “média”, que segundo as leis matemáticas é a soma de um grupo de números dividida pela quantidade de números somados, sem as diferenças, como um “ponto de equilíbrio”, levando a um resultado comum, mas não singular. Afinal, o que quer dizer deixar a criança falar? O que quer dizer escutar a criança? É obedecê-la? Tomá-la como cidadã? Escutar o sujeito do inconsciente? Ditos que facilmente podem ser entendidos de forma retórica e vazia. A infância faz barulho, nos inquieta, e, por vezes, por que não reconhecer, nos assombra, tira-nos a “paz”², a paz que encontramos na pulsão de morte, onde o que se satisfaz são as mais diversas pulsões, nos desacomodando da ilusão de um silenciamento dessas. Mrech (2012, p.158) destaca que, não só “a criança”, mas também, “a mulher” e “o homem”, são formas prévias de encarnar o sujeito, visando um fechamento. Cita Lacan (1998, p.873, apud Mrech, 2012): “*Esse homem será então ali o primitivo, assim como a criança representará o subdesenvolvido, o que irá mascarar a verdade do que se passa de original durante a infância*”. E o que se passa de original durante a infância, que o universal mascara? Seria a relação com o inconsciente, estando a criança em uma posição diferente do adulto? A própria constituição psíquica em curso, da qual o sujeito/criança participa ativamente, e para qual não há previsões e garantias? Diante de tantas iniciativas preventivas e educativas, cabe nos perguntar: será que estamos escutando as crianças? Lembrando que escutá-las não é obedecê-las, e tampouco informá-las, mas sim se fazer presente, escutar o que vem delas genuinamente e não só o que já está às vezes inteiramente colado à fala do adulto ou dos “ditos sociais”, ou seja, o que queremos escutar de suas bocas. Contudo faz-se necessário explorar melhor do que se

¹ Música de Chico Buarque, 1977.

² Tal como Freud propôs em 1920.

trata essa escuta da criança tendo como referência a escuta para a psicanálise. Com situações cotidianas e uma vinheta clínica buscarei extrair do vivo da experiência com uma criança algumas balizas.

Cito um vídeo de uma influenciadora digital e empresária³, que faz um trabalho importante de em torno de temas como raça, gênero em seu canal no youtube. Em um dos vídeos inspirada em uma pergunta que a filha havia lhe feito com relação a como havia sido para ela na época da escola, ela escreve uma carta onde conta de forma bastante sensível as dificuldades enfrentadas como uma menina negra. Em outro vídeo intitulado “O que é LGBTQIA+ para crianças!”, ela se propõe a ensinar sua filha de 6 anos a aprender o significado das letras LGBTQIA+. Ela mostra-se cuidadosa tentando procurar a melhor forma, a melhor palavra, para explicar do que se trata cada uma dessas letras. Em um determinado momento, na letra B, ao explicar que é quando a pessoa gosta de menino e menina, que tanto faz para ela, pergunta para filha: “Você já sabe por exemplo o que você vai ser quando crescer, se você vai ser hetero, uma pessoa lésbica ou uma pessoa bi? Se você vai amar meninos ou meninas?” A menina responde um pouco desconsertada: “Não...eu não tenho idade para isso! A mãe ri, e ela continua: “Tá difícil hein, mãe!?! Que pergunta mais difícil!” A mãe diz que é complicado mesmo, e que ela não precisa saber disso agora e segue em sua empreitada. Interessante notar a fala da menina ao dizer espontaneamente e de forma certa que não tem idade para tal, e pensar se podemos escutá-la enquanto sociedade. Esta pode ser analisada também como uma interpretação da fala da mãe, na medida que a toma desconstruindo-a, revelando um equívoco daquela.

Antes, as crianças que se dirigiam aos adultos com suas questões, ou, como nos disse Freud, com sua “honesto pulsão de investigar” (Freud, 1907, p. 86). Hoje podemos verificar uma tendência a uma antecipação dos adultos com relação a assuntos sociais emergentes. A discussão realizada acima nos ajuda a pensar nessa questão das respostas às crianças, ou até mesmo do que nem é resposta, pois vem independente da pergunta, mas que se antecipa do adulto à criança, com um propósito preventivo, essa tendência em domesticar, moldar a criança, também pode servir como um tampão do que pode vir legitimamente desta.

³ Ana Paula Xongani. Acessível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zWhGS-AzSQ0>.

A brincadeira como atividade infantil por excelência é também um meio de escuta das crianças, onde o que se evidencia é a sua relação peculiar com o inconsciente. Reconhecida por Freud (1920, p. 79) como a “grande realização cultural da criança” a partir da renúncia à satisfação pulsional, a brincadeira, os jogos, o lúdico são imprescindíveis na constituição psíquica e na educação, sendo um dos índices de entaves nesse percurso. É a atividade mais intensa, com mais dispêndio de energia e uma grande fonte de prazer das crianças.

Ao tomar o brincar como sintoma constituinte da criança, Jerusalinsk (2014, p. 232) destaca o árduo trabalho de elaboração de uma “resposta ao paradoxo temporal” às demandas paradoxais que chegam ao pequeno que não é senão a própria inserção na linguagem. É justamente por essa suspensão temporal, por uma encenação lúdica, por se tratar de uma ficção infantil que a brincadeira é, como a autora coloca, uma “esfera protegida”, onde não se tem o compromisso com a realidade, regras, há como uma “licença poética” onde não se requer uma responsabilidade, “não se cobra valor de ato”. Interessante pensar nessa relação entre o brincar e o ato, o brincar como um ato suspenso, um ato sem valor de, podemos pensar que se algo ainda não pôde ser elaborado pela criança aparece então como ato, acting out.

Uma mãe me procura para atendimento de sua filha de 8 anos. Dentre as queixas de desobediência, descompromisso escolar, conta que ela recentemente enganou a funcionária de sua casa e o porteiro do prédio e saiu sozinha para ir a um compromisso próximo a sua casa, o que causou muita preocupação em sua mãe. Início o atendimento com ela, mostra-se uma menina desinibida, desafiadora e debochada. Em alguns momentos questiona sobre o tempo da sessão, quer saber se está acabando, até que um dia ela fala que vai embora, levanta e sai da sala. Não falo nada, deixo ela ir. Passado um tempo, abro a porta e ela sai de trás de uma porta no corredor onde estava escondida, parecendo se divertir. As duas riem e isso vira uma brincadeira: *brincar de ir embora*. Brincadeira essa que ela pede para repetir, demonstrando necessidade de *ir e voltar*. Com isso ela pode estar mais tranquila na sessão, mais tolerante nos jogos, aceitando as regras e podendo falar de si, do que lhe incomodava. Era preciso passar pela a brincadeira, pelo simbólico o que estava no ato, sem simbolização.

Freud (1908) nos fala o quão injusto seria pensar que a criança não leva à sério sua brincadeira, pois transpõe seu mundo para uma nova ordem que lhe agrada. Nesse sentido, é uma via de escuta da criança, onde ela pode se colocar, colocar suas questões,

ensaiar, inventar formas de lidar com o Outro. Para isso, nós, adultos, precisamos também levar a fala de uma criança à sério, não só no contexto de uma brincadeira, reconhecer sua importância, que ali há um trabalho psíquico de construção, logo a nossa interferência deve ser cuidadosa, evitando moralismo. Por outro lado, não devemos levá-la à sério no sentido de tomarmos essas construções ao pé da letra, de forma radical e concreta. Trata-se de uma linguagem atravessada pelo inconsciente, permeada de representações simbólicas que impedem uma rápida decodificação.

Assim, é possível escutar a criança, ou, deixá-la falar, acolhendo sua fala, suas brincadeiras, fantasias, ficções, tão necessárias para sua constituição psíquica, oferecendo repertórios sem grandes pretensões pedagógicas ou, “simplesmente” se fazendo presente e aberta à suas invenções. A escuta da criança – tanto a escuta de uma criança por um adulto, como a escuta, a interpretação, ou ainda, a leitura que ela faz do inconsciente, do desejo do Outro – nos aproxima do inconsciente, de algo vivo, que vivifica as relações e nos tira de certa pasteurização, que o universal provoca.

Referências Bibliográficas

FREUD, S. (1907). Sobre o esclarecimento sexual das crianças. Amor, Sexualidade, Feminilidade. Obras Incompletas de Sigmund Freud. 1ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

_____. (1908). O poeta e o fantasiar. Arte, Literatura e os Artistas. Obras Incompletas de Sigmund Freud. 1ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2021.

_____. (1920). Além do princípio do prazer. Obras Incompletas de Sigmund Freud. 1ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

JERUSALINSK, J. (2014). Jogos constituintes do sujeito – o brincar no laço mãe-bebê como inscrição de um litoral. In: A criação da criança – brincar, gozo e fala entre a mãe e o bebê. Salvador: Ágalma.

MRECH, L. (2012) A cientifização da educação: novas encarnações do discurso científico? In: De que Real se trata na clínica psicanalítica? Rio de Janeiro: Cia. de Freud: PROAP/CAPES.